

Ian Murray

RESPONSA BILIDADE HUMANA

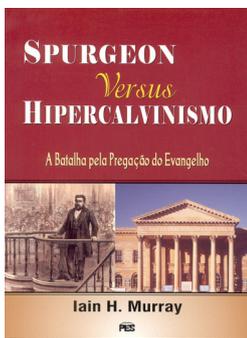


Os Puritanos

Responsabilidade Humana

Este material ora apresentado em formato digital foi publicado na Revista Os Puritanos 01-2008, cujo conteúdo foi extraído, com a autorização da Editora PES, do livro Spurgeon Versus HiperCalvinismo, Ian Murray, Editora PES, pp. 97-25 .

Para uma leitura completa desse material o Projeto Os Puritanos recomenda a compra deste livro no site da PES:
<http://www.editorapes.com.br/>



RESPONSA BILIDADE HUMANA

Ian Murray



Os Puritanos

Responsabilidade Humana

Ian Murray

AS DUAS convicções até aqui expostas — que os convites do evangelho devem ser dirigidos a todos, e que a garantia para crer está nos mandados e nas promessas das Escrituras — levam-nos ao âmago da disputa entre o calvinismo evangélico e o hipercalvinismo. O conflito diz respeito ao lugar da responsabilidade, ou, para usar uma expressão equivalente, a sua livre agência.

A terminologia aqui é importante. Não se confunda livre agência com “livre – arbítrio”.¹ Desde a queda, os homens não perderam a sua responsabilidade, mas perderam a sua capacidade, a vontade de obedecer a Deus. Por conseguinte, Spurgeon podia dizer: “Eu temo, mais do que qualquer coisa, que você seja deixado entregue à sua vontade livre”, ao seu livre-arbítrio. O hipercalvinismo afirma que não se pode exigir que os pecadores façam o que eles não podem fazer, a saber, crer em Cristo para salvação. A capacidade de crer pertence unicamente aos eleitos, e isso no tempo determinado pelo Espírito de Deus. Por isso, o pregador chamar os seus ouvintes ao imediato arrependimento e fé é negar tanto a depravação humana como a soberania da graça.

Spurgeon não replicou a esse argumento enfraquecendo o ensino bíblico sobre a depravação e a incapacidade humanas, como muitos têm feito. Os seus sermões provam a veracidade das suas

1 Literalmente, vontade livre (“free-will”). Nota do tradutor.

palavras: “Proclamaremos a doutrina da soberania sem deixar o tom, e o amor eletivo sem titubear”.² Ele asseverou tão fortemente, como nunca antes, que a vontade de Deus é todo-poderosa, tanto na provisão como na aplicação de todas as partes da salvação: “A missão do nosso Senhor não foi tanto salvar todos aos quais Ele falava, como salvar todos quantos seu Pai Lhe deu”.³ Mas a sua resposta ao argumento hipercalvinista era asseverar outra verdade igualmente bíblica, qual seja, que o homem é totalmente responsável por seu pecado. Deus não é o seu autor. Os que ouvem o evangelho e rejeitam o Salvador não poderão alegar que a soberania os impediu de exercer a obediência da fé. Ninguém poderá alegar que Deus os excluiu. Não, é só por causa do pecado, o de incredulidade inclusive, que os pecadores não arrependidos serão finalmente condenados e estarão perdidos para sempre.

Sendo-lhe solicitado que explicasse tal mistério, Spurgeon constantemente replicava que não era seu dever fazer isso. Seu dever era trabalhar com toda a extensão da verdade escriturística e declará-la em suas verdadeiras proporções. Limitar a mensagem às verdades cuja coerência mútua podemos ver é exercer uma liberdade à qual não fazemos jus. O grande erro do hipercalvinismo é negligenciar um lado da palavra de Deus por não saber explicar, tanto que a vontade de Deus é eficaz e soberana em todas as coisas, como que o homem é livre e responsável por todas as suas ações. “Ambas as coisas são verdadeiras; duas verdades não podem ser incoerentes uma com a outra; e o que você têm que fazer é crer nas duas”.⁴ Num sermão dos seus primeiros tempos sobre “A graça soberana e a responsabilidade do homem” Spurgeon introduziu seu assunto com estas palavras:

2 Only a Prayer-Meeting (somente uma reunião de oração), p. 304. A citação é de um capítulo sobre “Pregando a pecadores”, no qual ele diz que algumas pregações do evangelho são como o que ele ouviu sobre um estudante que meneou uma bela e desejável maçã diante dos olhos de um seu amigo, mas depois a enfiou no bolso. “Quando prego a pecadores, sempre me sinto inclinado a pedir a cada um deles que ponha a dourada maçã no seu bolso, pois esse seleto fruto da vida pode pertencer a multidões e, todavia, a totalidade dele permanecerá para outros milhões mais”.

3 PTM, vol. 19, p. 277.

4 PRNP, vol. 4, p. 343.

“O sistema da verdade não é uma linha reta, mas duas. Nenhum homem chegará a ter uma correta visão do evangelho enquanto não souber ver as duas linhas ao mesmo tempo... Ora, se eu declarasse que o homem é tão livre para agir que não há presidência nenhuma de Deus sobre suas ações, eu seria levado para muito perto do ateísmo; e se, por outro lado, eu declarasse que Deus governa de tal modo todas as coisas que o homem não é livre para ser responsável, eu seria levado direto para o antinomianismo ou para o fatalismo. Que Deus predestina e que o homem é responsável são duas coisas que poucos conseguem enxergar. Estas verdades são tidas como incongruentes e contraditórias; contudo não são. É defeito do nosso fraco julgamento... é minha tontice que me leva a imaginar que duas verdades podem, alguma vez, contradizer-se uma a outra”⁵

Encontra-se essa ênfase repetidamente em seus sermões. Deixem que lhes dê mais dois extratos:

“Creio na predestinação, sim, até em cada jota e em cada til. Creio que o rumo seguido por um simples grão de areia no vento de março é ordenado e estabelecido por um decreto que não pode ser violado; que cada palavra e pensamento do homem, cada movimentos de asas de um pardal, cada vôo de um inseto... que tudo é de fato pré-conhecido e preordenado. Mas creio igualmente na livre agência do homem, que o homem age como quer, especialmente nas operações morais — escolhendo o mal com uma vontade não induzida por coisa alguma que venha de Deus, induzida unicamente por sua própria depravação de coração e pela perversidade dos seus hábitos; também escolhendo o certo com perfeita liberdade, embora secretamente guiado e conduzido pelo Espírito Santo... Creio que o homem é tão responsável como se não houvesse destino algum... Onde estas duas verdades se encontram não sei, nem quero saber. Elas não me atrapalham, uma vez que deixei de lado o meu entendimento para crer nelas duas”⁶

Noutro lugar, sobre o mesmo tema, ele diz:

“Alguns imaginam que, quando cremos com Davi, no salmo 115, que Deus faz tudo quanto Lhe agrada, negamos a livre agência e, necessariamente, negamos a responsabilidade moral também. Nada disso, mas declaramos que aqueles que assim pensam estão impregnados do velho Espírito capcioso daquele à sua vontade?”

5 PRNP, vol. 4, p. 337.

6 PTM, vol. 15, p. 458.

“Rm. 9:19”, e a nossa resposta é a de Paulo:

“Mas, ó homem, quem és tu, que a Deus replicas? Será que você pode entender, pois eu não posso, como é que o homem é um livre agente, um agente responsável, de modo que o seu pecado é seu pecado voluntário e está com ele e nunca com Deus, e todavia, ao mesmo tempo, os propósitos de Deus são cumpridos e a sua vontade é feita até pelos demônios e pelos homens corruptos? Não posso compreender isso; entretanto sem hesitação creio nisso, e me alegro por crer, e não espero compreendê-lo nunca. É minha firme convicção que no decorrer do tempo se verá que o que há no céu, na terra e no inferno é parte do plano; contudo, Deus jamais é o autor ou cúmplice do pecado... o pecado está no homem, totalmente no homem, e, não obstante, por alguma força estranha e dominante, como a força de Deus e misteriosa, como a existência de Deus, a sua vontade suprema será realizada... negar essa verdade porque não a entendemos nos poria fora de uma soma enorme de importante conhecimento”⁷

Spurgeon considerava a ênfase na livre agência do homem como absolutamente essencial para a verdadeira evangelização. Visto que as Escrituras ensinam que a conversão é obra de Deus, o hipercalvinismo teme apelar para a ação humana, para não se pensar que tal ação interfere na obra de Deus. Mas as Escrituras também apresentam a conversão como obra do homem e não reconhece nenhuma incoerência em chamar os homens para serem reconciliados com Deus.⁸ Por não reconhecer isso, o hipercalvinismo deixa de falar aos incrédulos que é só culpa deles perma-

7 PTM, vol. 16, p. 501. Num sermão, “Alta doutrina e ampla doutrina”, ele elabora o mesmo ponto, baseado em João 6:37: “A graça que predestina” é “alta doutrina”, o “todo o que quiser pode vir” é amplo. “Estas são duas grandes verdades; levemos ambas conosco, e elas se equilibrarão mutuamente”... O trabalho de remover dificuldades religiosas é o menos gratificante debaixo do céu. O melhor caminho é aceitar a dificuldade onde quer que vocês a encontrem na palavra de Deus, e exercer sua fé sobre ela... Elas são porções igualmente preciosas do todo harmonioso. Não sofismemos sobre elas, nem cedamos a um tolo favoritismo por uma em prejuízo da outra; recebamos, porém, ambas com um singelo amor pela verdade, com toda a grandeza do nosso coração, como cabe aos filhos de Deus demonstrar”. PTM, vol. 30, pp. 49,50.

8 Falando do mistério da relação entre a responsabilidade do homem e a vontade de Deus, John Duncan, um dos mais sábios teólogos do século dezenove, disse: “Que Deus opera a metade e o homem a outra metade, é falso; que Deus opera tudo e o homem faz tudo, é certo”. Como ele diz, tanto o arminianismo como o hipercalvinismo (antinomianismo) deixam de reconhecer isso. (*Colloquia Peripatetica, Notes of Conversations with John Duncan* (Colóquios Peripatéticos, Notas de Conversas com John Duncan), ed. W. Knight (Edimburgo, 1907), pp. 29, 30).

necerem não salvos sob o evangelho e que a sua condenação será obra deles próprios. Não somente a fé em Cristo é um dever, porém, como Spurgeon freqüentemente mostrava pelas Escrituras, a recusa a crer em Cristo se verá no fim que é maior ofensa do que as iniquidades de Sodoma e Gomorra. “Acaso não é o cúmulo da arrogância e o máximo do orgulho um filho de Adão dizer, mesmo que seja em seu coração: ‘Ó Deus, eu duvido da tua graça; ó Deus, eu duvido do teu amor; ó Deus, eu duvido do teu poder?’ Sinto que, se pudéssemos juntar todos os pecados numa só massa — poderíamos pegar o homicídio, a blasfêmia, a cobiça, o adultério, a fornicção, e tudo quanto é vil, e uni-los formando um grande globo de tenebrosa corrupção — nem tudo isso seria igual ao pecado da incredulidade”.⁹

Em sua autobiografia Spurgeon relata que em seus primeiros tempos, antes de vir para Londres, esteve com alguns ministros e outras pessoas de idéias hipercalvinistas “que estavam discutindo se há pecado nos homens que não crêem no evangelho”. O choque sentido por ele nessa ocasião permaneceria com ele todos os seus dias: “Enquanto eles discutiam, eu perguntei: ‘Cavalheiros, estou na presença de cristãos? Vocês são crentes na bíblia ou não?’. Eles responderam: ‘Somos cristãos, claro!’ ‘Então’, disse eu, ‘porventura as Escrituras não dizem: *‘do pecado, porque não crêem em mim’?* E não seria isso condenar o pecado dos homens, que eles não crêem em Cristo?’”¹⁰

Spurgeon usou esse incidente no segundo sermão do primeiro volume da obra *New Park Street Pulpit*, intitulado “O pecado da incredulidade” e, como já vimos, boa parte da contenda do hipercalvinismo contra a sua pregação era a respeito desse ponto. “Sustento”, diz ele, “tão firmemente como qualquer homem vivo, que o arrependimento e a conversão são obras do Espírito Santo, mas

⁹ *Autobiography*, vol. 1, p. 261

¹⁰ *Autobiography*, vol. 206. Ele se refere à mesma experiência noutras ocasiões, por ex., PRNP, vol. 1, pp. 18,19.

eu preferiria perder esta mão, e as duas, a desistir de pregar que é dever dos homens arrepende-se e crer, e que é dever dos ministros cristãos dizer-lhes: “Arrependei-vos, e convertei-vos, para que sejam apagados os vossos pecados”.¹¹

Spurgeon falava freqüentemente contra o hipercalvinismo em seus sermões. Ele o fez extensamente numa “Explicação das Doutrina da Graça”, na data da inauguração do tabernáculo Metropolitano em 1861, quando repudiou vigorosamente qualquer idéia de fatalismo e insistiu: “Se o pecador for perdido, é tudo do homem; mas, se for salvo, a salvação é então toda de Deus”. Deus não criou os homens para serem condenados, porém, como Spurgeon mostrou baseado no Catecismo Maior da assembléia de Westminster, a ira só é infligida aos homens por causa do pecado: “Isto não é mais do que os metodistas e todos os outros corpos evangélicos reconhecem — que onde os homens perecem, é em conseqüência do pecado deles”.¹²

Em seu prefácio à obra *Metropolitan Tabernacle Pulpit* em 1863, ele fez o que possivelmente foi o último dos seus apelos abertos àqueles que ele descreve como “levados cativos pelas teorias ultracalvinistas”, intimando-os a “pregar o evangelho todo, em vez de uma parte”:

“A soberania divina é um grande e incontestável fato, mas a responsabilidade humana é igualmente incontestável... A fé é dom de Deus, mas também é ato da humanidade renovada. A condenação é resultado da justiça, não de uma predestinação arbitrária. Ó, oxalá chegasse o tempo em que os opostos aparentes fossem aceitos, porque a fé sabe que eles são partes de um todo harmonioso. Oxalá uma dilatada visão das dispensações de Deus ao homem permitisse que os homens fossem leais à raça humana e, ao mesmo tempo, fiéis ao soberano Senhor de todos”.¹³

No mesmo volume Spurgeon fala da “religião do homem que prega a soberania divina mas negligencia a responsabilidade hu-

11 PTM, vol. 14, p. 196.

12 PTM, vol. 7, p. 301.

13 PTM, vol. 9, pp. Vi-ii.

mana”, e diz: “Eu creio que essa é uma maneira viciosa, imoral e corrupta de expor doutrina, e não pode ser de Deus”.¹⁴

Vê-se melhor o que isto significa para Spurgeon na prática quando ele não está pensando em controvérsia, mas está simplesmente concitando homens e mulheres a virem a Cristo. Já examinamos o modo como ele procurava inculcar o convite do evangelho, assegurando a todos que a misericórdia de Deus era garantida para todo aquele que aquiesce. “Pode um pecador ser salvo quando vem a Cristo? Sim”.¹⁵ Contudo, o outro lado desta verdade era a terrível culpa dos que recusam Cristo:

“Os homens não regenerados não podem e não querem crer em seu Deus. Isso também é causado pelo amor ao pecado. Aqueles que não querem desistir de seus pecados favoritos pretextam que o evangelho é muito difícil de entender, ou completamente impossível de aceitar... Pergunto: Você ousa fazer do evangelho a causa da sua ruína? Você pede que tenham dó de você, como se não pudesse deixar de ser inimigo de Deus e um desprezador do seu caminho de misericórdia? Você murmura, queixando-se de que não conseguiu ver? Quem fechou os seus olhos? Não há ninguém tão cego como aqueles que não querem ver; sua cegueira é voluntária. Você não entende; quer entender?... Se você não deseja ser reconciliado com Deus, é bonito sonhar que Deus não deseja ser reconciliado com você? Ó alma, rogo-lhe, não impute a sua condenação a Deus, que, em sua infinita bondade, trouxe a sua palavra para bem perto de você!”¹⁶

“Oh, o pensamento acima de todo pensamento o mais mortal! Estou perdido, perdido, perdido! E este é o horror dos horrores: eu mesmo fui a causa de eu estar perdido; eu rejeitei o evangelho de Cristo; eu mesmo me destruí.”¹⁷

“Oh, meus ouvintes, será que algum homem vai escolher para si a perdição? Vai considerar-se indigno da vida eterna e vai pôr-se longe de Cristo? Se vocês hão de ser condenados, terão que fazê-lo por si mesmos. Seu sangue estará sobre a própria cabeça de vocês. Desçam para o inferno, se o quiserem deliberadamente; porém saibam isto, que Cristo foi pregado a vocês, e vocês não quiseram tê-lo; vocês foram

14 PTM, vol. 9, p. 153.

15 PTM, vol.8, p.190.

16 PTM, vol. 33, p. 333.

17 PRNP, vol. 4, p. 240.

convidados a vir a Ele, mas Lhe deram as costas; vocês escolheram, por si mesmos, a sua destruição eterna! Deus lhe conceda que se arrependam dessa escolha, pelo amor de Cristo. Amém.”¹⁸

Extraído do livro Spurgeon *Versus* Hipercalvinismo, Ian Murray, Editora PES, pp. 97-25 (com autorização).

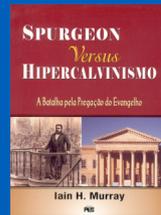
¹⁸ PTM, vol. 27, p. 460.

RESPONSA BILIDADE HUMANA

As duas convicções até aqui expostas — que os convites do evangelho devem ser dirigidos a todos, e que a garantia para crer está nos mandados e nas promessas das Escrituras — levam-nos ao âmago da disputa entre o calvinismo evangélico e o hipercalvinismo. O conflito diz respeito ao lugar da responsabilidade, ou, para usar uma expressão equivalente, a sua livre agência.

Este material ora apresentado em formato digital foi publicado na Revista Os Puritanos 01-2008, cujo conteúdo foi extraído, com a autorização da Editora PES, do livro Spurgeon Versus Hipercalvinismo, Ian Murray, Editora PES, pp. 97-25.

Para uma leitura completa desse material o Projeto Os Puritanos recomenda a compra deste livro no site da PES:
<http://www.editorapes.com.br/>



Edição Digital – ospuritanos.org
Facebook/[ospuritanos.org](https://www.facebook.com/ospuritanos.org)